



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E
LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

**CAMILA PINHEIRO DE OLIVEIRA
DORILENE SIQUEIRA PEREIRA
MARIA DAS GRAÇAS PEREIRA ALMEIDA**

**UMA ANÁLISE ACERCA DOS TRAÇOS LINGUÍSTICOS NO FALAR DA
POPULAÇÃO DA BAIXADA MARANHENSE**

Zé Doca

2022

**CAMILA PINHEIRO DE OLIVEIRA
DORILENE SIQUEIRA PEREIRA
MARIA DAS GRAÇAS PEREIRA DE ALMEIDA**

**UMA ANÁLISE ACERCA DOS TRAÇOS LINGUÍSTICOS NO FALAR DA
POPULAÇÃO DA BAIXADA MARANHENSE**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras com Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador(a): Prof^a. Esp^a. Andreza Luana da Silva Barros.

Zé Doca

2022

Oliveira, Camila Pinheiro de.

Uma análise acerca dos traços linguísticos no falar da população da região da Baixada maranhense / Camila Pinheiro de Oliveira, Dorilene Siqueira Pereira, Maria das Graças Pereira de Almeida. - Zé Doca, MA, 2022.

... f

TCC (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Zé Doca, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Andreza Luana da Silva Barros.

1.Português maranhense. 2.Baixada maranhense. 3.Variações linguísticas.
I.Pereira, Dorilene Siqueira. II.Almeida, Maria das Graças Pereira de.
III.Título.

CDU: 81'271.16(812.1)

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

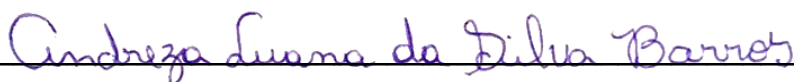
**CAMILA PINHEIRO DE OLIVEIRA
DORILENE SIQUEIRA PEREIRA
MARIA DAS GRAÇAS PEREIRA DE ALMEIDA**

**UMA ANÁLISE ACERCA DOS TRAÇOS LINGUÍSTICOS NO FALAR DA
POPULAÇÃO DA BAIXADA MARANHENSE**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras com Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 02/08//2022

BANCA EXAMINADORA



Profa. Esp. Andreza Luana da Silva Barros

1º EXAMINADORA



Prof. Me. Gabriel Pereira Castro (Alima)

2º EXAMINADOR



Prof. Me. Renilda Pereira da Silva

3º EXAMINADORA

*Dedicamos esse trabalho a Deus, pois sem
Ele nada seria possível. Dedicamos também
aos nossos familiares e professores que nos*

ajudaram a passar por todas as jornadas até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter permitido que chegássemos até aqui. As nossas famílias que sempre nos incentivaram e nos deram forças durante toda essa trajetória.

Agradecemos aos professores que contribuíram para nossa aprendizagem e em especial nossa orientadora, pela paciência e dedicação.

“A verdadeira motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento”.

(Frederick Herzberg)

RESUMO

As variações linguísticas fazem parte de todo o Brasil, pois ele é um país muito rico e cheio de crenças. O preconceito existe contra as diversas variações linguísticas, basta um dialeto que já se inicia o preconceito, especialmente se vier de um grupo inferior como os indígenas e quilombolas, a literatura mostra exatamente que essas variações linguísticas não são estudadas apenas de hoje, assim o preconceito não vem apenas dos dias atuais, existindo desde o tempo da escravidão. Essa pesquisa tem como objetivo mostrar as variações linguísticas e como é falada no Maranhão, visto que é um estado com uma história que envolve os indígenas, colonização e escravidão, assim tendo uma miscigenação muito grande. O embasamento metodológico usado para a execução desse estudo fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica, no qual o pesquisador coloca as anotações a começar das leituras feitas colocando em ordem os resultados encontrados.

Palavras-chave: Português Maranhense. Baixada Maranhense. Variações Linguísticas

ABSTRACT

Linguistic variations are part of the whole of Brazil, because it is a very rich and full of beliefs. Prejudice exists against the various linguistic variations, just a dialect or a mere accent that already begins the prejudice, especially if it comes from a lower group such as the indigenous and quilombolas, the literature shows exactly that these linguistic variations are not studied only today, so prejudice does not come only from the present day, existing since the time of slavery. This research aims to show the linguistic variations and how it is spoken in Maranhão, since it is a state with a history that involves indigenous peoples, colonization and slavery, thus having a very large miscegenation. The methodological basis used for the execution of this study is based on a bibliographic research, in which the researcher places the notes beginning from the readings made putting in order the results found.

Keywords: Portuguese Maranhense. Baixada Maranhense. Linguistic Variations

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

FIGURAS

FIGURA 1: Norma culta x Popular

FIGURA 2: Variação Linguística

FIGURA 3: Charge variações linguísticas

QUADRO

QUADRO 1: Pontos Linguísticos e Mesorregiões MA

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ASL – Língua de Sinais Americana

LSF – Língua de Sinais Francesa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	LINGUAGEM E SEUS TRAÇOS FENOMENOLÓGICOS.....	16
2.1	Linguística e Classes Sociais.....	16
2.2	A variação linguística no âmbito educacional.....	23
2.3	Traços linguísticos e português falado no Maranhão.....	28
3	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	30
4	ANÁLISE DOS DADOS.....	32
5	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Como qualquer língua disseminada ao redor do mundo, o Português passou por diversas mudanças ao longo de toda sua história, muitas foram as ramificações do idioma.

O Brasil é um país de extensões continentais, conseqüentemente, devido ao modo como foi colonizado, as culturas que se estabeleceram em cada região, houve o surgimento de diversos costumes, sotaques, e, claro, variações da nossa língua oficial.

Inclusive, de acordo com dados do IBGE (2010), a nação tupiniquim é a que contém o maior número de falantes do idioma no globo. E, como afirma Antunes (2009), é pela língua que recobramos a nossa identidade, portanto, demonstra-se a importância de se valorizar todo o caminho percorrido pela língua para que esta fosse uma das principais amostras da singularidade de cada povo, de cada cultura, o que, de fato, engrandece cada uma das regiões que compõem o Brasil.

Como conceituação de variação linguística, observa-se que se trata das mudanças pelas quais passamos ao longo de todas as épocas e que geram as particularidades entre os falantes (RIGONATTO, 2021). Sendo assim, por exemplo, quando tal conceito é trazido para o âmbito da baixada maranhense, a língua usada reflete o grupo social específico a qual faz parte, com suas características exclusivas e apresentação de uma variedade linguística que acaba por designar essa região e grupo específico.

Portanto, a própria língua se constitui como um elemento heterogêneo da cultura que representa, até mesmo possuindo mais de uma característica quando se leva em conta alguns aspectos, sendo a variação linguística dividida em:

- a) Variação linguística regional (diatópica), também chamadas de variações geográficas, são variações que ocorrem de acordo com o local onde vivem os falantes, sofrendo sua influência. Este tipo de variação ocorre porque diferentes regiões têm diferentes culturas, com diferentes hábitos, modos e tradições, estabelecendo assim diferentes estruturas linguísticas;

- b) Variação linguística histórica (diacrônica), são variações que ocorrem de acordo com as diferentes épocas vividas pelos falantes, sendo possível distinguir o português arcaico do português moderno, bem como diversas palavras que ficam em desuso;
- c) Variação linguística social (diastrática) são variações que ocorrem de acordo com os hábitos e cultura de diferentes grupos sociais. Este tipo de variação ocorre porque diferentes grupos sociais possuem diferentes conhecimentos, modos de atuação e sistemas de comunicação;
- d) Variação linguística situacional (diafásica) são variações que ocorrem de acordo com o contexto ou situação em que decorre o processo comunicativo. Há momentos em que é utilizado um registro formal e outros em que é utilizado um registro informal (NERES, 2007).

Desse modo, tendo ciência dos diferentes tipos de variação linguística, e tendo como foco principal o estudo do estado do Maranhão, é necessário que se dê um maior enfoque aos diversos traços linguísticos que possui a região, em especial à Baixada Maranhense, além de toda a sua rica cultura e modo de falar único.

Como meio de elucidar os traços da cultura maranhense, questiona-se quais são as principais influências para a constituição do modo de falar da baixada maranhense, bem como os traços específicos de sua linguagem?

Sendo assim, a relevância social do tema encontra respaldo na diversidade de culturas que o povo maranhense possui, tudo abarcado por suas variações linguísticas regionais, já que a região da baixada possui costumes próprios. O estudo da diversidade linguística possui como principal meio sua análise histórica e o contexto social vivido, de modo a contribuir da melhor forma para o desenvolvimento de um melhor conhecimento acerca do público que não possui conhecimento acerca da vasta cultura maranhense.

Já a relevância científica está justamente na identificação do fenômeno sociolinguístico interacional o qual vive a população da região da baixada maranhense, então, o estudo traz à tona as peculiaridades da língua as quais refletem diretamente na cultura dessa população, de modo a tornar possível uma melhor análise acerca dos padrões sociais da região.

2. LINGUAGEM E SEUS TRAÇOS FENOMENOLÓGICOS

O referencial teórico configura-se, aqui, a partir da construção de três sessões a fim de discutir a linguagem e seus traços fenomenológicos. São elas: “Linguística e Classes Sociais”, “A variação da linguística dentro do âmbito educacional” e “Traços linguísticos e português falado no Maranhão”. Dessa forma, compreendem as questões propostas a respeito das temáticas sobre o preconceito linguístico, o papel do curso de Letras no ensino da língua portuguesa e a variação da língua no estado do Maranhão.

2.1 Linguística e Classes Sociais

Nesse trabalho, utilizam-se algumas categorias importantes como linguística e classes sociais. Entende-se, no estudo da linguística, a importância de se analisar não somente um idioma particular, mas sim a forma que esse idioma se desenvolveu em uma certa região, em certa classe social e por quais processos socioculturais tal dialeto passou ao longo dos anos.

Para Viotti (2008):

A linguística não se limita ao estudo de uma língua específica, nem ao estudo de uma família de línguas. Ela não é nem o estudo isolado do português, do japonês, do árabe, da língua de sinais americana (ASL), das libras, nem é o estudo de um conjunto de línguas aparentadas, como as línguas indo-européias, as línguas orientais, as línguas semíticas, as línguas bantas, as línguas de sinais descendentes da língua de sinais francesa (LSF), etc. (VIOTTI, 2008, p.08).

A linguística como uma ciência só tomou esse caráter no século XX, determinando como seu objeto a língua. De acordo com Leite (2010), “antes disso, porém, língua e linguagem foram objetos de estudo de inúmeras ciências (como a filosofia, a lógica, a filologia, por exemplo)” (LEITE, 2010, p.213).

A língua, nessa conjuntura, pode ser considerada um meio de comunicação de cunho social. “Toda língua é uma forma de linguagem, mas nem toda linguagem é língua” (MOTTA, 2014). Já a linguística, esta deve entender as relações entre língua e cultura, entre língua e classes sociais, e entre uma língua e outras línguas que estão em contato com ela. Essas relações são importantes, pois elas associam-se à alguns fenômenos, tais como as variações linguísticas.

Nas palavras de Motta (2014):

A linguística se dedica ao estudo de uma língua em determinado período ou momento. Não tem caráter avaliativo, não quer normatizar a fala ou a escrita (diferentemente da gramática tradicional ou gramática normativa). Possui caráter descritivo, pois observa a língua, suas variações, expressões e usos a partir dos falantes. (MOTTA, 2014, *online*).

As variações linguísticas da fala fazem com que o aprendizado se torne uma barreira a ser superada. Essas variações linguísticas podem ser consideradas fatores que determinam o grau de educação e de cultura da sociedade.

De acordo com Bagno (2006):

É muito prejudicial à educação não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum aos 160 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolaridade, etc. (Bagno, 2006, p.15).

No exemplo brasileiro, é um fato a não existência de uma língua única e intacta. O que se verifica é uma verdadeira diversidade de dialetos, fenômeno esse proveniente de interferências socioculturais, como a imigração, falta de acesso a educação de qualidade e até mesmo os sotaques regionais.

O Brasil está entre os países com a maior diversidade linguística. Essas diferenças em relação a forma de se comunicar podem ser vistas sob óticas regionais e/ou sociais.

Nesse sentido, mesmo o português sendo a língua mais falada em território nacional e, sabendo-se da existência de diversas outras línguas faladas no país, é

indispensável o estudo das variações da língua portuguesa, as chamadas variações linguísticas. Bagno (2006) argumenta, ainda, que “o fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica, automaticamente, que esse português seja um bloco compacto, coeso e homogêneo” (BAGNO, 2006, p.18).

No estudo sobre os traços linguísticos é importante fazer a diferenciação entre língua e dialeto. No que tange ao dialeto, este pode ser entendido como a variedade de uma língua própria de uma região ou território e está relacionado com as variações linguísticas encontradas na fala de determinados grupos sociais (CASTRO, 2021). Elia (2000), por exemplo, faz essa diferenciação ao conceituá-lo como:

Uma forma corrompida da língua culta¹. Essa corrupção, como queiram, existe, mas é mais própria das difere citações socioletais que das dialetais, pois o dialeto também apresenta variações de cunho social. Os dialetos do ponto de vista diacrônico são evoluções independentes de um a mesma língua; daí por assim dizer o ar família que apresentam. (ELIA, 2000, p.10).

Elia (2000) retoma o contexto dos traços linguísticos na sociedade ao chamar de língua um processo um pouco mais complexo que o dialeto. Para o autor, essa categoria está mais ligada ao status social que a regionalidade ao argumentar que:

As línguas (à oposição ao dos dialetos) são reconhecidas pelo estado nacionalmente organizadas e por isso gozam de maior prestígio social. Demais (e isto é sobremaneira importante) ao longo cultural, no campo das letras, das ciências, das artes, do progresso intelectual em resumo, que não se encontra em variedades intelectuais. (ELIA, 2000, p.12).

A linguística, portanto, define-se como estudo científico que objetiva explicar e analisar a linguagem verbal humana. Ela se diferencia da gramática tradicional que é insenta de regras ou normas para o uso correto da linguagem. Dessa forma, segundo Viotti (2008), “a linguística é responsável por estudar a língua como um fenômeno natural. Quanto mais avançamos nos conhecimentos sobre as características das mais variadas línguas naturais, mais bem formamos um entendimento do que é a língua como um todo” (VIOTTI, 2008, p.8).

¹ “A língua culta é a linguagem ensinada, predominantemente na escola, por ser a linguagem encontrada na Tradição Gramatical. Seus falantes são, na maioria, pessoas escolarizadas e, em grande parte, de classe social de maior prestígio” (LIMA; SOUSA; AMORIM, 2019, p.2).

A partir desse contexto, a sociolinguística² surge como uma vertente da linguística e caracteriza-se como uma ciência que trata dos aspectos sociais da língua sistematizando a variação que existe na mesma. Para CalVet (2012):

Um dos pontos básicos considerados pela sociolinguística é que a língua sofre variações e que essas variações linguísticas ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis ao se analisar a língua no tempo não havendo como ignorar esse fato. Não deve, portanto, haver discriminação no estudo das línguas e devem ser consideradas para estudo todas as variantes que por ventura houver considerando inclusive os fenômenos culturais os quais são influenciados por fatores linguísticos e extralinguísticos de várias ordens. (CAL VET, 2012, p.41).

Jesus (2006), por exemplo, acredita que:

Vários fatores interferem no modo de falar das pessoas gerando assim o que chamamos de variação linguística. Variação que não é aceita em nossa sociedade uma vez que a mesma adota uma norma pré-estabelecida pela classe dominante para o uso da língua. (JESUS, 2006, p.32).

Constata-se o substancial preconceito em sala de aula e no Brasil, de um modo geral, com aqueles que não dominam a norma culta³ da língua portuguesa. É o que argumenta Bagno (2009) ao explicar que este preconceito:

É o preconceito de que existe uma única maneira “certa” de falar a língua, e que seria aquele conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas. Por sua vez, essas gramáticas se baseiam, supostamente, no uso feito por um grupo muito especial e seletivo de pessoas, os grandes escritores da língua, que também costumam ser chamados de “os clássicos”. (BAGNO, 2009, p.72).

Os professores, no entanto, contribuem para esse paradigma social e acabam por impulsionar esse processo ao não saberem lidar com a questão da variação da língua e corroboram com a repressão dos alunos quando esses agentes educacionais não levam em consideração a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, e

² “A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo” (CONTEXTO, 2016, *online*).

³ A norma está conceituada como o “[...]conjunto de preceitos e regras que determina o que deve ou não ser usado numa língua ou que corresponde ao que é de uso corrente numa determinada comunidade linguística” (PRIBERAM, 2019, p.68).

acabam impondo a norma culta como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização (BAGNO, 2009).

O fato é que o português falado no Brasil é diversificado e que as formas de falar dos alunos, sejam eles vindo de outras áreas ou de classes sociais mais baixas, não são erradas e sim diferentes.

Ainda em Jesus (2006), pode-se averiguar que:

A norma padrão é e deve ser ensinado nas escolas, o que não deve existir é o preconceito em relação às outras variantes da língua. É cômodo para o professor simplesmente transmitir o que está nas gramáticas sem fazer referência às variantes, colocando a margem os alunos que não dominam a língua culta sem sequer dar chances de conhecer o novo. (JESUS, 2006, p.34).

Nesse contexto uma questão pode ser levantada: como ensinar a norma culta sem pré-julgar a fala coloquial e heterogênea como erronia? Autores como Stein (2007) argumentam que estar em contato com a norma culta da língua não é apenas um aspecto cultural, mas sim social e, por isso, é uma questão que sofre preconceito estrutural em países como o Brasil. Para o autor:

Trata-se, principalmente, de uma questão de prestígio social. Num país em que, historicamente, as desigualdades sociais se perpetuam, dominar o padrão culto da língua é ser detentor de um poderoso instrumento, senão de ascensão, pelo menos de imposição de respeito frente a uma interlocução dominadora. (STEIN, 2007, *online*).

No Brasil, o domínio da norma culta parece que está reservada a uma minoria que faz questão de se mostrar superior, enquanto a grande maioria é marginalizada, excluída e reprovada por não falar o português na norma culta, obedecendo as regras da gramática normativa. Entretanto, a variação linguística da fala popular⁴ e coloquial

⁴ “A linguagem popular, oposição à culta, pode ser definida, como aquela usada no cotidiano e que, apesar de ser capaz de gerar sequências linguísticas lógicas para que a comunicação seja estabelecida, não está preocupada em obedecer às regras e normas dos compêndios. Assim, em oposição à norma culta, e não à norma padrão, a norma popular caracteriza-se por ser realizada por indivíduos que tenham pouca escolaridade” (LIMA; SOUSA; AMORIM, 2019, p.4).

deve ser encarada não como errada, mas como uma vertente da fala culta e elitista. De acordo com o portal Mundo Educação (2021, *online*):

As variações linguísticas comprovam a organicidade da língua: ela não está encerrada nos dicionários ou gramáticas; está viva, na boca do povo, seus verdadeiros donos. Na língua falada não pode existir certo ou errado, o mais importante é que as pessoas se entendam, que a comunicação seja feita de maneira eficiente.

Dessa forma, ambas são capazes de realizar o propósito que lhes é atribuído pela sociedade: comunicar.

Logo, a comunicação constitui-se como um fator de extrema relevância na sociedade. Essa habilidade possibilita a transmissão de desejos, informações, fatos, ideias e outros e pode se realizar através da linguagem culta ou popular. Apesar de ambas as formas conseguirem realizar a comunicação, apresentar-se-á, na Figura 1, a seguir, a diferença entre as normas culta e popular.

Figura 1: Norma Culta x Popular

NORMA CULTA X POPULAR	
<p>CULTA</p> <p>FORMA DE ESCREVER OU FALAR QUE RESPEITA A GRAMÁTICA NORMATIVA.</p> <hr/> <p>ENTENDENDO MELHOR...</p> <p>QUANDO SE TRATA DE LINGUAGEM NÃO EXISTE CERTO OU ERRADO.</p> <p>EX: (A) NÓS VAI PRA FEIRA HOJE. (B) NÓS IREMOS A FEIRA HOJE.</p> <p>OS DOIS EXEMPLOS ESTÃO CORRETOS LINGUISTICAMENTE FALANDO.</p> <p>POREM, (A) SERIA INADEQUADO EM SITUAÇÃO FORMAL.</p>	<p>POPULAR</p> <ul style="list-style-type: none"> - FORMA DE ESCREVER OU FALAR QUE NÃO LEVA EM CONTA A ORTOGRAFIA OFICIAL. - CADA GRUPO SOCIAL A DEFINE POR INTERAÇÃO. <hr/> <p>VALE LEMBRAR...</p> <ul style="list-style-type: none"> - TODO O PRECONCEITO COM AS PESSOAS MAIS HUMILDES QUE NÃO FREQUENTAM OU FREQUENTARAM A ESCOLA É INACEITÁVEL!

Fonte: (Scholar Google, 2021).

Como observado através da Figura 1, ressalta-se que a norma culta está incluída na linguagem propriamente dita, do mesmo modo que a popular. No entanto, o

preconceito linguístico⁵ é colocado em virtude de situações e contextos sociais e culturais. De acordo com o portal Signumweb (2020):

O preconceito linguístico é geralmente causado pela ideia de que existe apenas uma única língua correta e isso colabora significativamente para a prática da exclusão social. No entanto, é preciso ter em mente que as línguas são mutáveis, ou seja, passam por adaptações ao longo do tempo, de acordo com as ações das pessoas falantes. (SIGNUMWEB, 2020, *online*).

No Brasil, tal fato acontece por conta da padronização educacional imposta. Dessa forma, fica fácil “enxergar” o preconceito linguístico na sociedade quando uma pessoa exclui e condena o indivíduo por seu modo de falar diferente da modalidade considerada padrão. Argumentam Lima, Sousa e Amorim (2019) que:

Como agente contribuinte para tal preconceito um elemento de grande influência é marcado pela variação no nível fonético/fonológico do falante, o qual pode ser observado quando diferentes formas de pronúncia de uma mesma palavra ocorrem em uma comunidade linguística como, por exemplo, bicicleta em vez de bicileta; minino em vez de menino; peixe em vez de peixe; garage em vez de garagem, etc. (LIMA; SOUSA; AMORIM, 2019, p.5).

No Brasil, por exemplo, a educação sempre primou pela língua padrão, pois esta é a língua exigida em concursos ou como critério para se tenha uma acessibilidade social. Para CalVet (2012, p.54) “o que se questiona é a intolerância e o preconceito com as demais variações não considerando que todas as línguas mudam, que toda língua é um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca definitivamente pronto”.

Diana (2021) destaca que um dos principais motivos de exclusão social é, justamente, o preconceito linguístico. Para a autora:

O Preconceito Linguístico é aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma. De tal maneira, está associado as diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais

⁵ “A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, neste aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente consensual quando se trata de questões linguísticas: ficamos unanimemente chocados diante da palavra inadequada, da concordância verbal não realizada, do estilo impróprio à situação de fala. A intolerância linguística é um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais etc.” (ALKMIM, 2001, p. 42).

são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo. O preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais empregados na atualidade e pode ser um importante propulsor da exclusão social. (DIANA, 2021, p.34).

Nesse cenário, essa exclusão conecta-se às desigualdades sociais, pois delas deriva as mazelas que assolam a sociedade desprovida de recursos econômicos e, assim, a falta de acesso à educação de qualidade torna-se uma realidade. A má distribuição de renda que assola o Brasil, por exemplo, e a falta de políticas públicas de acesso à educação de qualidade contribuem para a marginalização das classes social mais baixa e, portanto, contribuem para a exclusão dos agentes sociais que não dominam a norma culta do português.

Segundo Gomes (2009), “a variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua: lexical, fonético, morfológico, sintático e até pragmático, sendo que esses níveis podem estar vinculados a três fatores. São eles: geográficos, sociais e socioculturais, de contexto” (GOMES, 2009, p. 67). Assim, toda essa questão da variação linguística e do preconceito que nela se agrega deve ser mediada por uma via pedagógica. De acordo com Lima, Sousa e Amorim (2019):

A escola deveria ter em seu papel crucial não só o ensino da norma culta, mas também no aspecto de mostrar a esses indivíduos a riqueza que se encontra enraizada nos aspectos peculiares da língua popular. Infelizmente, muitas vezes, não se leva tais aspectos em consideração, deixando que situações de preconceito aconteçam dentro ou fora de sala de aula. (LIMA; SOUSA; AMORIM, 2019, p.2).

Dessa forma, faz-se necessário recorrer a estudos específicos para perceber que, historicamente, a pedagogia adotada na formação escolar do cidadão brasileiro tem sido centrada na norma culta, de caráter elitista, quando deveria ser centrada também nas variações dessa norma. O que não significa ignorar a norma culta padrão, pelo contrário, utiliza-la com uma abordagem para desenvolver o senso crítico do cidadão (STEIN, 2007).

2.2 A variação da linguística dentro do âmbito educacional

Como se observou anteriormente, a língua falada sofre diversas variações em função da região em que o indivíduo reside, seu grau de escolaridade, bem como suas crenças, atitudes e estilo de vida. De acordo com Silva (2016), essas diferenças abriram margem para o desenvolvimento de um preconceito estrutural no ensino da língua portuguesa no Brasil. Para a autora isso ocorreu pois,

Durante muito tempo, buscou-se a uniformidade linguística e, assim, tudo o que não entrava nos padrões da gramática normativa era considerado erro. Atualmente, o foco está no conceito de adequado e inadequado, porque há a compreensão de que a linguagem, isto é, o processo de interação comunicativa, é heterogêneo, apresentando níveis de linguagem e níveis de fala. (SILVA, 2016, *online*).

Nesse sentido, Serra (2018) observa que os referidos conceitos apresentados afetam intrinsecamente na escolha do modo como a pessoa tende a falar e se expressar dentro de determinado ciclo, em comunidades onde vários padrões linguísticos são seguidos. Dessa forma, a autora faz questão de ressaltar o prisma da atitude, seu estudo ocorre através de dois elos, sendo estes o mentalista e o comportamentalista.

O elo mentalista corresponde a linguagem observada através de uma visão psicológica e mental, ou seja, levando em conta aspectos individuais da pessoa. Carrara (2008) acrescenta que se define na literatura behaviorista radical como mentalista “qualquer enfoque psicológico que considere o comportamento como resultado de processos e/ou agentes internos e/ou de outra natureza ou substância distinta daquela da conduta a ser explicada” (CARRARA, 2008, p12).

Já o elo comportamentalista leva em conta o estímulo, a resposta do indivíduo quando provocado em situações ou características determinadas como, por exemplo, em uma entrevista de emprego, ou então em uma conversa entre amigos (SERRA, 2018). De acordo com o portal Educa Mais Brasil (2021):

O principal objetivo do método de ensino comportamental é modificar comportamentos que possam ser prejudiciais e promover a aquisição de novos,

positivos para o aluno e a sociedade em geral. Nesta proposta, os docentes são os detentores do conhecimento, responsáveis por ensinar todos os assuntos necessários para o pleno desenvolvimento dos estudantes. (EDUCA MAIS BRASIL, 2021, *online*).

Quanto a questão das crenças, essa diz muito a respeito do próprio indivíduo, o qual analisa se o seu padrão de fala e linguagem é adequado em relação a outras variedades, desse modo, caso o veja como aceitável sempre haverá sua utilização e propagação. É nesse sentido que a crença faz com que a linguagem se propague e se replique, principalmente dentro de uma comunidade (SABADIN, 2013).

Para Barcelos (2006):

As crenças são construídas socialmente, mas também podem ser vistas como individuais, sendo dinâmicas e contextuais, pois se modificam através do tempo e de acordo com as situações, mas também são paradoxais porque possuem influência no processo de ensino e aprendizagem podendo, inclusive, impedir que o aprendizado aconteça. (BARCELOS, 2006, p.19).

A variação linguística, que, segundo Beraldo (2021), “é o objeto de estudo da Sociolinguística, dá origem a diferentes formas de expressão da língua, as quais, embora se baseiem nas normas impostas pela gramática prescritiva, adquirem regras e características próprias”, pode ser encontrada em quatro tipos: diageracional, diassexual, diastrática e diafásica.

O primeiro deles é a variação diageracional, a qual diz respeito a geração que o indivíduo se insere, para assim encontrar seu padrão de fala, ou seja, “diz respeito à variação relacionada à faixa etária do informante” (SOUSA, 2009, p.2).

A segunda corresponde à variação diassexual, também conhecida como diagenérica. É a variação que se encontra ligada a influência do gênero sexual para o emprego da fala e trata-se, portanto, da variação relacionada aos gêneros (masculino e/ou feminino) do informante.

A terceira corresponde a variação diastrática que dependente da organização sociocultural e de sua identidade para o estabelecimento de sua fala. São aquelas variações que se referem aos grupos sociais, cujos fatores, relacionados à faixa etária,

profissão, estrato social, entre outros, imperam de forma preponderante (DUARTE, 2021).

Por fim, a variação diafásica consiste naquela em que o indivíduo se utiliza de diferentes tipos de fala, a depender da situação ou meio no qual está inserido (ALVES, 2010). Para Neves (2021):

As variações diafásicas, também chamadas de variações situacionais, são variações que ocorrem de acordo com o contexto ou situação em que decorre o processo comunicativo. Há momentos em que é utilizado um registro formal e outros em que é utilizado um registro informal. (NEVES, 2021, *online*).

Sendo assim, essa variação linguística é a clara representação da cultura, história e propriamente da riqueza de uma sociedade, já que a existência de vários sotaques, expressões e vocabulários diferentes é que engrandecem a língua, não se contendo apenas em um padrão monocrático e específico (SERRA, 2018; SANTOS et. al., 2020). Portanto, falar de padrão linguístico é uma falácia, visto que as línguas são heterogêneas.

Como exemplo claro de diferentes variações linguísticas utilizadas em distintas regiões do Brasil, apresenta-se duas charges, nas quais evidenciam-se os diferentes padrões de linguagem existentes no país. Estas estão apresentadas na Figura 2 e Figura 3, a seguir.

Figura 2: Variação linguística



Fonte: Tudo Sala de Aula (2021)

Figura 3: Charge variações linguísticas



Fonte: Romeu (2021)

O curso de Letras tem a importante missão de quebrar as barreiras e preconceitos linguísticos instaurados em seus próprios alunos, tendo em vista que lecionar acerca da língua portuguesa não é apenas tratar da norma culta, mas sim explorar todos os meandros que tem a oferecer (BOTASSINI, 2015; PINTO; RIBEIRO, 2018). Nesse contexto, como as variações linguísticas existem em virtude da combinação entre fatores socioculturais, estas devem ser abordadas no ensino superior sem restrições ou preconceitos, ou seja, devem ser estudadas e analisadas como um retrato da diversidade cultural e social e um país.

De acordo com o portal Brasil Escola (2021):

Os fatores socioculturais são responsáveis tanto pelas mudanças linguísticas quanto pela tentativa de mantê-las estáticas. Nesse sentido, temos as instituições sociais, como as escolas; a tradição literária, os gramáticos e dicionaristas, e as academias de Letras; os meios de comunicação; o Estado com seus órgãos e entidades; e as diversas religiões, que se revestem da condição de defensores de uma língua intimamente conectada à cultura. O problema reside na questão de essa cultura ser um produto das classes socioeconômicas privilegiadas, fato que reduz o círculo de pessoas legitimadas a estabelecer mudanças. (BRASIL ESCOLA, 2021, *online*).

Portanto, é fundamental que a variação linguística seja explorada mais a fundo, tendo em vista os diversos modos de falar do próprio brasileiro, não sendo coeso ou real acreditar no pensamento falacioso de que apenas a norma culta é válida, ou então

reforçar o preconceito linguístico ao ceifar a língua de uma comunidade para doutrinar seus falantes na língua padrão

Nessa conjuntura, essa doutrinação consiste na mudança linguística originada quando um número substancial de falantes de uma determinada língua acaba sendo coagido a utilizar uma escrita e fala diferentes das suas, seja em razão de emigração, seja em virtude de relações de dominação (BRASIL ESCOLA, 2021).

De um modo ou de outro, a variação linguística está relacionada à sociolinguística, que é um ramo da linguística responsável por destacar a importância de se estudar a língua como parte da manifestação cultural e social de um povo, assim, ter o domínio dessa perspectiva pode amenizar os prejuízos do preconceito estrutural que a variação linguística enfrenta na sociedade.

Desse modo, serão apresentados os traços linguísticos e português falado no estado do Maranhão, mais especificamente na região da Baixada Maranhense, demonstrando quais são os elementos responsáveis por sua variação linguística.

2.3 Traços linguísticos e português falado no Maranhão

O estado maranhense é tipicamente conhecido por guardar em sua construção histórica a miscigenação de povos, já que, inicialmente era composto por indígenas, e dentro de todo o processo de colonização passou pelo controle e disputa dos povos holandeses, franceses e portugueses, além claro, de receber uma vasta quantidade de africanos, em função do período de escravidão (COELHO, 2018).

Barros (2015, p. 38) faz questão de ressaltar essa diversidade cultural ao observar características próprias do estado:

Possui a única capital brasileira fundada pelos franceses (e que também é Patrimônio Histórico da Humanidade devido ao seu acervo arquitetônico - o mais homogêneo de origem portuguesa nas Américas) e, particularmente, pela riqueza e diversidade de sua cultura e religiosidade popular e negra.

Além disso, o autor ainda traz à tona a heterogeneidade da formação histórica maranhense ao observar a diversidade cultural que o moldou, quando observa que:

Esta diversidade se relaciona ao conjunto múltiplo de povos que formaram essa região e à heterogeneidade das interações entre eles estabelecidas desde o período colonial. Eram diversos os povos nativos que habitavam esse torrão quando da vinda dos primeiros europeus no século XVI. A estrutura social da região foi ainda complexidade com a chegada massiva de africanos a partir do século XVIII, quando o Maranhão, assim como a Bahia, passou a se constituir como uma das áreas mais negras do Brasil e do mesmo modo que a Amazônia, continuou uma importante região indígena.

Sendo assim, a questão da singularidade dos traços linguísticos pode ser observada quando se adota tanto a questão regional quanto a social. No Maranhão, um dos estados mais pobres do Brasil, segundo o IBGE (2019), essas variações linguísticas podem ser ainda mais marcantes.

Segundo a pesquisa do IBGE, no Maranhão, em 2019, a proporção de pessoas com 25 anos ou mais de idade que terminaram a educação básica obrigatória, ou seja, que terminou, no mínimo, o Ensino médio somavam 36,8% de toda a população do estado. Essa proporção demonstra o alto índice de descomprometimento com a educação no país e, ainda, reflete na situação linguística do indivíduo maranhense.

Além dessas mazelas socioeconômicas, o Maranhão sofre influência regional. Em São Luís, capital do estado, a influência linguística acontece por conta da colonização portuguesa e francesa, sem falar no dialeto próprio que a cidade desenvolveu ao longo de sua formação cultural. Na região a oeste e sudeste de São Luís, conhecida como “Baixada Maranhense”, essa disparidade se eleva (IBGE, 2019).

Contudo, demonstra-se, por meio deste texto que, por mais que a língua portuguesa seja a língua modelo, não deve ser tratada pelos educadores como exclusiva e unilateralmente correta, visto que o Brasil e, em especial, o Maranhão e a Baixada Maranhense, sofreu influências regionais e socioeconômicas ao longo de sua formação.

Como meio de analisar as minúcias linguísticas do estado do Maranhão, dentro dos campos morfossintático, lexical e fonético, foi criado o ALiMA - Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (PORTO; SANTOS, 2017).

O projeto conta com 16 pontos linguísticos, municípios que representam as cinco mesorregiões do estado, sendo estas a Norte, Centro, Oeste, Leste e Sul, carregando o objetivo final de diferenciar as unidades linguísticas do Maranhão, sendo a região da Baixada Maranhense sendo representada por Pinheiro (CASTRO; RAMOS, 2020), como demonstra o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1: Pontos Linguísticos e Mesorregiões MA

MESORREGIÃO	MICRORREGIÃO	MUNICÍPIO	NÚMERO DA LOCALIDADE
NORTE	Conglomerado Urbano da Capital	São Luís	MA 01
		Raposa	MA 02
	Baixada Maranhense	Pinheiro	MA 03
CENTRO	Médio Mearim	Bacabal	MA 16
	Alto Mearim e Grajaú	Tuntum	MA 18
OESTE	Gurupi	Carutapera	MA 05
		Turiaçú	MA 04
	Imperatriz	Imperatriz	MA 07
LESTE	Chapadinha	Brejo	MA 13
	Caxias	Caxias	MA 12
	Codó	Codó	MA 17
	Chapadas do Alto Itapecuru	São João dos Patos	MA 14
	Baixo Parnaíba Maranhense	Araioses	MA 14

	Porto Franco	Carolina	MA 08
	Gerais de Balsas	Alto Parnaíba	MA 10
		Balsas	MA 09

Fonte: ALiMA

Desse modo, o Atlas busca trazer e analisar as peculiaridades do referido estado, bem como da região a qual está sujeita à análise, pois como observa Cardoso (2010), a coleta de dados é “uma forma de aprofundar os conhecimentos, possibilitando obter mais detalhes para comparar tais dados, particularizando ausências e presenças de variações linguísticas na língua”. Sendo assim, em um momento posterior está exposta a metodologia a ser utilizada, bem como os procedimentos a serem empregados para a realização do referido estudo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa classifica-se como: pesquisa bibliográfica; com relação à abordagem do problema é qualitativa; quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, na qual utilizou-se o método dialético utilizado durante a pesquisa.

Este estudo está baseado numa pesquisa bibliográfica que segundo Minayo (2007), é quando uma pesquisa é elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. Colaborando sobre o assunto, Oliveira (2007), também afirma que a modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.

Segundo Gil (2010), a observação pode ser considerada em duas dimensões: como processo mental e como técnica organizada. Como processo mental, observar é ato de apreender coisas e acontecimentos, comportamentos e atributos pessoais e concretas interrelações. Como técnica organizada, observar é um meio de medir por descrição, classificação e ordenação. Transcende a simples constatação dos dados,

porquanto envolve a complementação dos sentidos por meios técnicos, permitindo a apreensão direta dos fenômenos.

Desse modo, a pesquisa também tem caráter qualitativa, pois segundo Denzin e Lincoln (2006), envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Sendo assim, pesquisa qualitativa baseia-se em uma variedade de técnicas usadas na sua construção.

Quanto a sua natureza, a pesquisa é exploratória, pois proporciona maior familiaridade com o problema e também envolve levantamento bibliográfico. De acordo com Santos (2002), ao explorar “visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”.

Quanto aos métodos, a dialética foi empregada na pesquisa qualitativa, considerando que os fatos não podem ser considerados fora de um contexto social. Sobre este aspecto, Diniz e Silva (2008) asseguram que, a dialética, aplicada à metodologia científica, tem como objetivo, observar de forma mais crítica os acontecimentos descritos através de algum fenômeno, porém, de uma forma mais ampla, buscando não apenas descrever o fenômeno em si, mas suas causas e suas consequências, buscando com isso entender a realidade em sua totalidade.

Assim, como característica diferenciadora, a pesquisa pontua que é um tipo de “estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica.” Logo, o trabalho de pesquisa bibliográfico foi desenvolvido por meio das seguintes etapas: Realização de coletas de materiais utilizando a base de dados da Scielo [<http://www.scielo.org/php/index.php>] e Google Acadêmico [<http://scholar.google.com.br/>], em livros, revistas e periódicos. Bem como foram utilizados livros pesquisados na biblioteca da faculdade.

Por conseguinte, foram selecionados monografias, teses, artigos científicos e livros que trouxeram a temática principal e retrataram as metodologias ativas, sendo utilizando a técnica de observação como análise destes documentos. As buscas foram

feitas considerando as palavras-chaves: “cultura maranhense”, “região da baixada” e “variação linguística” em qualquer lugar do texto, não incluindo patentes e nem citações.

Essa busca inicial gerou 15 resultados, com isso, foram selecionadas apenas as publicações que atenderam aos seguintes critérios: os traços linguísticos da baixada maranhense.

Portanto, através dos procedimentos metodológicos deve-se alcançar ao objetivo deste estudo que é analisar as metodologias ativas no processo pedagógico docente podendo contribuir para um melhor desempenho no espaço escola para a construção de conhecimento do aluno.

4. ANÁLISE DOS DADOS

As publicações utilizadas para a construção e análise dos dados foram organizadas em um quadro de referências (Quadro 2), com o intuito de apresentar os estudos que já foram realizados por outros autores, em ordem alfabética, sobre o tema ou problema da pesquisa em questão.

As pesquisas selecionadas têm como base os estudos da linguística e classes Sociais, da variação da linguística no âmbito educacional e dos traços linguísticos e português falado no Maranhão, trazendo investigações a respeito do português falado no estado maranhense e como a variação linguística dessa região é constituída. Outros conceitos também surgem nesses trabalhos, como crenças e preconceito linguístico.

Quadro 2: Quadro teórico

TÍTULO	OBJETIVO OU PROBLEMA	AUTORES/ANO
Introdução à linguística: domínios e fronteiras	Analisar a intolerância linguística como um dos comportamentos sociais mais facilmente observáveis, seja na mídia, nas relações sociais cotidianas, nos espaços institucionais.	ALKMIM, 2001

Língua, texto e ensino: outra escola possível	Investigar a relação da língua que com a identidade, além de demonstrar a importância de se valorizar todo o caminho percorrido pela língua para que esta fosse uma das principais amostras da singularidade de cada povo, de cada cultura.	ANTUNES, 2009
Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia	Demonstrar a existência do preconceito social, cuja ideia baseia-se na existência de uma única maneira “certa” de falar a língua, relacionada à um conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados gramáticas.	BAGNO, 2009
Preconceito linguístico: o que é, como se faz	Relatar o prejuízo à educação de cidadãos a partir do não reconhecimento da verdadeira diversidade do português falado no Brasil, independentemente da idade, da origem geográfica, da situação socioeconômica e do grau de escolaridade	BAGNO, 2006
Sociolinguística: uma introdução crítica	Apontar que sociolinguística a língua sofre variações e que essas variações linguísticas ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis ao se analisar a língua no tempo não havendo como ignorar esse fato.	CALVET, 2012
Geolinguística: tradição e modernidade	Demonstrar a importância da coleta de dados como uma forma de aprofundar os conhecimentos, possibilitando obter mais detalhes para comparar tais dados, particularizando ausências e presenças de variações linguísticas na língua.	CARDOSO, 2010
Mentalismo e explicação do comportamento: aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva	Considerar que, na literatura behaviorista radical, o comportamento mentalista é compreendido como qualquer enfoque psicológico que julga o comportamento como resultado de processos e/ou agentes internos e/ou de outra natureza ou substância	CARRARA, 2008

	distinta daquela da conduta a ser explicada.	
Palavras que ardem: o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão	Apresentar o Maranhão como um estado tipicamente conhecido por guardar em sua construção histórica a miscigenação de povos. Destacar sua riqueza de composição étnica, composta por indígenas e demonstrar que, dentro de todo o processo de colonização, passou pelo controle e disputa dos povos holandeses, franceses e portugueses, além de receber uma vasta quantidade de africanos, em função do período de escravidão	COELHO, 2018
Preconceito Linguístico	Averiguar que o preconceito linguístico está associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.	DIANA, 2021
A língua portuguesa no mundo	Constatar que a língua é um processo um pouco mais complexo que o dialeto. Demonstrar que essa categoria está mais ligada ao status social que a regionalidade ao argumentar que as línguas são reconhecidas pelo estado nacionalmente organizadas e por isso gozam de maior prestígio social.	ELIA, 2000
Metodologia do ensino de língua portuguesa	Apontar o fato de que a variação linguística pode ocorrer em todos os níveis da língua: lexical, fonético, morfológico, sintático e até pragmático.	GOMES, 2009
As variações linguísticas como fator determinante das classes sociais.	Defender que a norma padrão é e deve ser ensinado nas escolas, o que não deve existir é o preconceito em relação às outras variantes da língua. Denunciar o comodismo de se transmitir o que está nas gramáticas sem fazer referência às variantes,	JESUS, 2006

	colocando a margem os alunos que não dominam a língua culta sem sequer dar chances de conhecer o novo.	
Fundamentos de linguística	Averiguar a função da língua como objeto de estudo de inúmeras ciências (como a filosofia, a lógica, a filologia).	LEITE, 2010
Preconceito nas aulas de língua portuguesa: norma culta, popular e a possibilidade do uso da microconstrução agora nas aulas de variação linguística	Destacar que a linguagem popular, oposição à culta, pode ser definida, como aquela usada no cotidiano e que, apesar de ser capaz de gerar sequências linguísticas lógicas para que a comunicação seja estabelecida, não está preocupada em obedecer às regras e normas dos compêndios.	LIMA; SOUSA; AMORIM, 2019
A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras	Constatar que o curso de Letras tem a importante missão de quebrar as barreiras e preconceitos linguísticos instaurados em seus próprios alunos, tendo em vista que lecionar acerca da língua portuguesa não é apenas tratar da norma culta, mas sim explorar todos os meandros que tem a oferecer.	PINTO; RIBEIRO, 2018
Traca ou diadema? A variação semântico-lexical maranhense no campo vestuário e acessórios do ALIMA e ALIB.	Destacar as formas de analisar as minúcias linguísticas do estado do Maranhão, dentro dos campos morfossintático, lexical e fonéticocriados pelo ALiMA - Projeto Atlas Linguístico do Maranhão	PORTO; SANTOS, 2017
Crenças e Atitudes linguísticas: aspectos e realidades na tríplice fronteira	Demonstrar que a crença diz muito a respeito do próprio indivíduo, o qual analisa se o seu padrão de fala e linguagem é adequado em relação a outras variedades, desse modo, caso o veja como aceitável sempre haverá sua utilização e propagação. Considerar que, nesse sentido, a crença faz com que a linguagem se propague e se replique, principalmente dentro de uma comunidade.	SABADIN, 2013
E aquela peça com dentes que se encaixam?	Analisar a variação linguística como uma representação da cultura, história	

uma análise geossociolinguística do português falado no Maranhão	e propriamente da riqueza de uma sociedade.	SANTOS; PORTO; SANTOS, 2020
Eu não digo “não” duas vezes não: usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão	Observar que as variações lingísticas afetam intrinsecamente na escolha do modo como a pessoa tende a falar e se expressar dentro de determinado ciclo, em comunidades onde vários padrões linguísticos são seguidos. Ressaltar o prisma da atitude, onde seu estudo ocorre através de dois elos, sendo estes o mentalista e o comportamentalista.	SERRA, 2018
Introdução aos estudos linguísticos	Conferir o papel da linguística de responsável por estudar a língua como um fenômeno natural. Constatar que, quanto mais avançamos nos conhecimentos sobre as características das mais variadas línguas naturais, mais bem formamos um entendimento do que é a língua como um todo.	VIOTTI, 2008

Fonte: elaborado pelos autores, 2022.

A partir dos estudos selecionados, constatou-se que as sessões do trabalho em questão intituladas de “Linguística e Classes Sociais”, “A variação da linguística dentro do âmbito educacional” e “Traços linguísticos e português falado no Maranhão” compreenderam as questões propostas a respeito das temáticas sobre o preconceito linguístico, sobre o papel do curso de Letras no ensino da língua portuguesa e sobre a variação da língua no Maranhão.

Dessa forma, o objetivo molda-se em apresentar a variação linguística do português falado no Maranhão, seguindo os seguintes passos: mostrar quais elementos (atitudes e crenças) influenciam a variação linguística no estado maranhense e identificar a repercussão dos discursos preconceituosos na variação linguística do Maranhão

5. CONCLUSÃO

A pesquisa atingiu os objetivos relacionados à explanação da variação linguística do português falado no Maranhão. Para tanto, analisou-se a linguística nas classes sociais, a variação linguística dentro do cenário educacional e os traços linguísticos do português falado no estado maranhense.

Dessa forma, viu-se que o preconceito linguístico é o principal impecílio na assimilação das diversas formas que português pode assumir nas diferentes regiões e classes sociais brasileiras.

Destacou-se, ainda, as crenças trazidas pelos alunos e até pelos professores, desde a educação básica, de que o português deve ser ensinado apenas de acordo com a gramática, quando na verdade, constatou-se que essa é uma visão elitista e segregacionista.

Percebe-se que o preconceito linguístico também é influenciado pela forma de escrever a língua, quando na verdade, viu-se que a língua deve atender ao preceito básico da comunicação e não de uma padronização da norma culta, imposta pela sociedade.

A pesquisa ainda mostrou a necessidade de se recorrer aos estudos específicos para perceber que, historicamente, a pedagogia adotada na formação escolar do cidadão brasileiro tem sido centrada na norma culta, de caráter elitista, quando deveria ser centrada também nas variações dessa norma. O que não significa ignorar a norma culta padrão, pelo contrário, utiliza-la com uma abordagem para desenvolver o senso crítico do cidadão.

Constatou-se, portanto, que a variação linguística está relacionada à sociolinguística, que é um ramo da linguística responsável por destacar a importância de se estudar a língua como parte da manifestação cultural e social de um povo, assim, ter o domínio dessa perspectiva pode amenizar os prejuízos do preconceito que a

variação linguística enfrenta na sociedade.

Por fim, deu-se como exemplo o Maranhão, que é um estado tipicamente conhecido por guardar em sua construção histórica a miscigenação de povos e, a partir da variação linguística nele presente, destacou-se sua riqueza de composição étnica, formada por indígenas, povos europeus (holandeses, franceses e portugueses) e africanos do período de escravidão.

Concluiu-se, que é inviável adotar, em um país tão diversificado como o Brasil, apenas uma forma padrão de fala e/ou escrita, visto que a língua é uma expressão da condição humana e o homem está em constante transformação, ele modifica e é modificado pelo meio, seja ele regional ou social.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, E. BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 144 f. Dissertação (Pós-Graduação em linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Norma linguística & preconceito social: questões de terminologia.** São Paulo: Loyola, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2006.

BARCELOS, A. M. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino-aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, Ana Maria Ferreira; ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BARROS, A.E.A. Em tempos de cura: sujeitos e desigualdades na pajelança no Maranhão. In: BARROS, A. E. A. (Orgs.) **Histórias do Maranhão em tempos de República.** São Luís: EDUFMA; Jundiá: Paco Editorial, 2015, p.119-146.

BERALDO, J. **Variações linguísticas.** 2021. Disponível em: <https://www.preparaenem.com/portugues/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 05/01/2022.

BOTASSINI, Jaqueline Ortelan Maia. A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.

BRASIL ESCOLA. **Variações linguísticas.** 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 05/01/2022.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARRARA, D. Z. K. **Mentalismo e explicação do comportamento: aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva.** Bauru: UNESP, 2008.

CASTRO, Gabriel Pereira; RAMOS, Conceição de Maria de Araújo. Urubus, gambás e muriçocas no Maranhão segundo dados do ALiMA. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, n. 55, p. 209-224, 2020.

CASTRO, L. **Diferenças entre língua, idioma e dialeto.** 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/diferencas-entre-lingua-idioma-dialeto.htm>. Acesso em: 04/01/2021.

COELHO, Carolina Batista. **PALAVRAS QUE ARDEM: o tabu linguístico religioso no português falado no Maranhão.** 127 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

CONTEXTO, Editora. **O que é sociolinguística?** 2016. Disponível em: <https://blog.editoracontexto.com.br/o-que-e-sociolinguistica/>. Acesso em: 04/01/2022.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIANA, D. **Preconceito Linguístico.** São Paulo: Saraiva, 2021.

DINIZ CR, SILVA IB. **Metodologia científica.** Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008. Disponível em: http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geogr.afia/metodologia_cientifica/Met_Cie_A04_M_WEB_310708.pdf. Acesso em: 28 dez. 2021.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Variações da língua.** 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-lingua.htm>. Acesso em: 05/01/2022.

EDUCA MAIS BRASIL. **Proposta pedagógica comportamentalista.** 2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/proposta-pedagogica/comportamentalista>. Acesso em: 05/01/2021.

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo.** 2ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

GARCIA, M. V. C. **A diversidade linguística como patrimônio cultural.** 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=3053&Itemid=39. Acesso em: 04/01/2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 2009.

GOOGLE, Scholar. **Google Acadêmico.** 2021. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 04/01/2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 10 maio 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Condições de vida, desigualdade e pobreza**. Brasília: IBGE, 2019.

JESUS, E. et al. **As variações linguísticas como fator determinante das classes sociais**. Tiradentes: UFMG, 2006.

LEITE, J. E. R. **Fundamentos de linguística**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

LIMA, A.; SOUSA, V. AMORIM, V. **Preconceito nas aulas de língua portuguesa: norma culta, popular e a possibilidade do uso da microconstrução agora nas aulas de variação linguística**. Vitória da Conquista: Gepráxis, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOTTA, A. **Língua, linguagem, linguística**. 2014. Disponível em: <https://conversadeportugues.com.br/2014/10/lingua-linguagem-linguistica/>. Acesso em: 04/01/2022.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Norma culta x variações linguísticas**. 2021. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/norma-culta-x-variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 04/01/2022.

NERES, Flávia. **Variação Linguística**. Disponível em: <<https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

NEVES, Flávia. **Variação linguística**. 2021. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 05/01/2022.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PINTO, Vera Maria Ramos; RIBEIRO, Tiago Leonardo. A Sociolinguística Educacional na formação do professor: crenças e atitudes linguísticas de acadêmicos de Letras. **Revista A Cor das Letras**. Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 97-116, 2018.

PORTO, L. F. M.; SANTOS, G. M. O. **Traca ou diadema?: A variação semântico-lexical maranhense no campo vestuário e acessórios do ALIMA e ALIB**. Anais do I Congresso Internacional de Letras. Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, 2017.

PRIBERAM, S. D. **Significado Norma**. 2019. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/norma>. Acesso em 05/01/2022.

RIGONATTO, Mariana. **"O que é variação linguística?"**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>. Acesso em: 10 maio 2021.

SABADIN, Marlene Neri. **Crenças e Atitudes linguísticas: aspectos e realidades na trílice fronteira**. tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

SANTOS, Israel Ferreira; PORTO, Laryssa Francisca Moraes; SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. **E aquela peça com dentes que se encaixam? uma análise geossociolinguística do português falado no Maranhão**. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS, v. 24, n. Especial, p. 34-51, 2020.

SANTOS, R. A. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SERRA, Flávia Pereira et al. **"Eu não digo 'não' duas vezes não": usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão**. 190 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

SIGNUMWEB. **Preconceito linguístico: entenda o que é e como ele surgiu no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://blog.signumweb.com.br/curiosidades/o-que-e-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 04/01/2022.

SILVA, D. **Entenda sem complicação o que é adequação linguística**. 2016. Disponível em: <https://www.estudokids.com.br/entenda-o-que-e-adequacao-linguistica/>. Acesso em: 05/01/2022.

SOUSA, M. **As variáveis de gênero e faixa etária no corpus do atlas linguístico do Amazonas**. Manaus: UFAC, 2009.

STEIN, C. C. **A norma é culta ou ideológica?** 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-07.html>. Acesso em: 04/01/2022.

VIOTTI, E. **Introdução aos estudos linguísticos**. Florianópolis: USP, 2008.